Afro-surrealismo e a arte brasileira: uma investigação do imaginário negro e a produção artística no Brasil

Palavras-Chave: AFRO-SURREALISMO 1, ARTE-BRASILEIRA-2, DIÁSPORA AFRICANA-3

Autores(as):

LAURA FERNANDES GONÇALVES, IA – UNICAMP

Prof. Dr. FILIPE SALLES , IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este projeto de iniciação científica teve como objetivo investigar o Afro-surrealismo enquanto imaginário artístico e político, analisando suas intersecções com a produção contemporânea de artistas negros brasileiros. O Afro-surrealismo, cuja origem remonta à Harlem Renaissance (décadas de 1920–30), se consolida como uma prática que transcende o estilo ou movimento artístico, sendo compreendido como uma sensibilidade estética e uma forma de reimaginar o real a partir das experiências negras. Fundamentado em autores como Amiri Baraka[1] e D. Scott Miller[2], o Afro-surrealismo propõe uma visão em que a ancestralidade, o delírio e a fabulação operam como formas de resistência frente à lógica colonial e hegemônica.

> Afro-surrealistas reconhecem que a natureza (também a natureza humana) cria mais experiências surreais do que qualquer outro processo teria a esperança de produzir. (...) Afro-Surrealistas usam o excesso como o único modo legítimo de subversão, e a hibridização como forma de desobediência. (MILLER, 2021, p. 517-518)

A pesquisa se estruturou por meio de levantamento bibliográfico e análise crítica de obras de três artistas: Rosana Paulino, Eustáquio Neves e Sidney Amaral. A escolha desses artistas se deu pela forma como incorporam elementos do fantástico, do onírico e do simbólico para repensar os corpos, as memórias e as narrativas da população negra. Os

[1] Black American Literature Forum , Summer, 1988, Vol. 22, No. 2, Henry Dumas Issue (Summer, 1988), pp. 164-166
[2] D. Scot. Miller Black Camera, Vol. 5, No. 1 (Fall 2013), pp. 113-117 (5 págs.)

resultados apontam para a existência de um imaginário afrossurreal já em curso na arte brasileira, mesmo que ainda não nomeado como tal. As obras analisadas revelam estratégias visuais que tensionam o real, reconstroem arquivos afetivos e apontam para futuros possíveis a partir da experiência negra.

METODOLOGIA:

A metodologia desenvolvida permitiu compreender o Afro-surrealismo não apenas como referência estética, mas como uma prática de resistência simbólica, capaz de reimaginar a experiência negra no Brasil e de propor novas cartografias sensíveis e políticas para o fazer artístico afro-brasileiro.

A investigação foi organizada em duas grandes etapas: O primeiro momento da pesquisa consistiu na realização de um levantamento bibliográfico sobre o Afro-surrealismo, suas origens históricas, autores-chave e suas manifestações em diferentes linguagens artísticas, com ênfase nas artes visuais. Paralelamente, foram consultados textos sobre arte negra no Brasil, estudos da diáspora africana, teorias pós-coloniais e crítica de arte. Essa base teórica possibilitou o delineamento de uma chave de leitura capaz de sustentar a análise das obras dentro de um campo afro-diaspórico, surreal e decolonial.

A segunda etapa concentrou-se na análise crítica e interpretativa de obras específicas dos três artistas escolhidos: Eustáquio Neves, Rosana Paulino e Sidney Amaral. A seleção das obras considerou a presença de elementos visuais que remetem ao fantástico, ao onírico, ao simbólico e ao espiritual — características fundamentais dentro do imaginário afro-surreal. A análise foi conduzida a partir dos seguintes eixos:

- ➔ **Narrativas visuais e fabulação**: Como os artistas constroem narrativas que rompem com a linearidade histórica e propõem reescrituras simbólicas da experiência negra. Aqui, analisou-se o uso de metáforas visuais, camadas de tempo, e recursos como a colagem, a sobreposição e a fragmentação.
- ➔ **Corpo, ancestralidade e memória**: De que maneira os corpos retratados ou evocados nas obras são portadores de memórias, marcas do trauma e também de potências ancestrais. Buscou-se compreender como a estética afro-surreal se inscreve na matéria do corpo, sobretudo o corpo negro, como território simbólico e político.
- ➔ **Surrealidade e distorção do real**: Foram observados os modos como os artistas distorcem ou reinventam o real — seja por meio de elementos fantásticos, seja por meio da justaposição entre tempos, espaços e símbolos. Essa distorção é compreendida como uma estratégia de libertação, onde o irreal atua como crítica e reinvenção da realidade hegemônica.

Cada obra foi analisada de forma individual e em diálogo com o repertório teórico acumulado, estabelecendo relações entre as intenções dos artistas e os signos visuais empregados. Além disso, considerou-se o contexto histórico, político de produção das obras e a trajetória de vida dos artistas. As análises buscaram, portanto, não apenas descrever as obras, mas levar em consideração suas camadas simbólicas produzindo leituras que reconheçam a potência estética e política das imagens.

Artista	**Obra (título e ano)**	**Técnica / Suporte**	**Eixos de Análise**	**Elementos Afro-Surrealistas Identificados**
Rosana Paulino	*Parede da Memória* (1994)	Instalação em tecido, microfibra, xerox, linha de algodão e aquarela	Corpo e ancestralidade / Narrativa visual / Reescrita da memória	Fragmentação de fotografias, costura como marca simbólica
Eustáquio Neves	*Série: Máscara de Punição* (2004)	Série fotográfica com intervenção manual	Distúrbio do real / Memória da violência / Tempo não-linear	Manipulação da imagem, sobreposição de texturas, rituais e ancestrais
Sidney Amaral	*Estudo para Incômodo (2014)*	Desenhos em aquarela, grafite, guache, lápis de cor e tinta de caneta permanente sobre papel	Corpo negro monumentalizado / Espiritualidade / Resgate de dignidade histórica	Representação simbólica do corpo, presença de elementos mítico-religiosos
Rosana Paulino	*Assentamento* (2013)	Instalação com tecidos, fios, fotografias de arquivo.	Tempo e ancestralidade / Silêncio e escuta	Reconfiguração de arquivos coloniais, presença feminina ancestral, elementos do sagrado
Eustáquio Neves	*Boa aparência* (2000)	Série fotográfica com intervenção manual	Identidade e distorção / Arquivo e memória / Realidade fragmentada	Sobreposição de camadas, ocultação de rostos, denúncia da invisibilidade e controle social

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

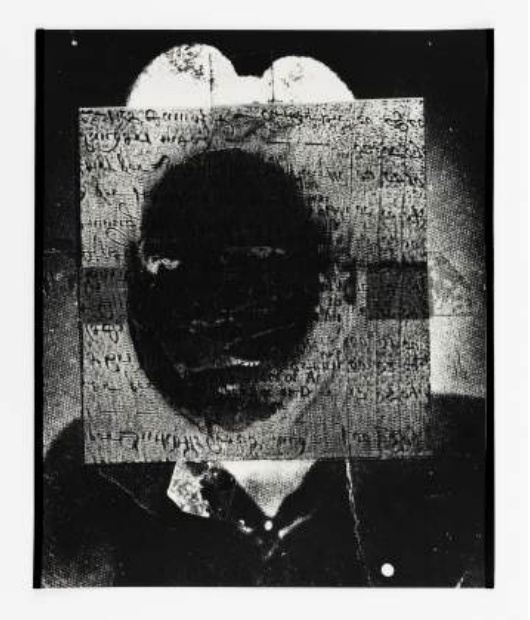
A partir da análise das obras de Rosana Paulino, Eustáquio Neves e Sidney Amaral, foi possível identificar a presença de um imaginário afro-surreal que, embora ainda pouco nomeado e teorizado no Brasil, manifesta-se de forma contundente nas produções visuais desses artistas. As obras revelam estratégias simbólicas e materiais que subvertem as narrativas hegemônicas sobre o corpo negro, a história e a memória, propondo outras formas de representação e existência.

Em *Parede da Memória* (1994), de Paulino, por exemplo, a sobreposição entre retratos antigos, costuras e tecido atua como metáfora para a reconstrução fragmentada e dolorosa da ancestralidade feminina negra, evidenciando a cicatriz como um signo de resistência e continuidade.

> As peças se assemelham aos patuás – amuletos utilizados por alguns praticantes do candomblé (...) Aqui, no entanto, a função do amuleto é deslocada. O que confere proteção não é alguma matéria ou elemento da natureza, mas a própria reconfiguração dessas imagens, na busca por compor uma memória coletiva. (QUINTELA, 2020)

Já em *Assentamento* (2013), a artista reorganiza arquivos coloniais a partir de uma lógica poética e espiritual, trazendo a presença do sagrado nas memórias invisibilizadas, o que conecta diretamente com o eixo afro-surreal de reencantamento do real.

Nas obras de Eustáquio Neves, *Máscara de Punição* (2004) e *Boa Aparência* (2000), observa-se o uso da manipulação fotográfica como forma de distorcer a aparência documental da imagem e instaurar nela uma dimensão onírica e ritualística. Rostos ocultos, apagamentos parciais e sobreposições texturais criam uma visualidade que convoca uma denuncia e, ao mesmo tempo, os mecanismos de controle racial sobre os corpos negros. Essa estética do desvio, do desfoque e da impermanência aproxima-se fortemente das proposições do Afro-surrealismo como linguagem de subversão e reconfiguração da realidade.



Máscara de punição (série), 2004 , Eustáquio Neves

Sidney Amaral, por sua vez, em sua obra *Estudo para Incômodo* (2014), traz o corpo negro como elemento, com referências simbólicas à religiosidade, à dor e à transcendência. A presença de elementos épicos e espirituais na composição revela um desejo de monumentalização da figura negra, contrariando estereótipos e construindo imagens que resgatam a dignidade e a potência simbólica de suas origens.

Dessa forma, a pesquisa evidenciou que elementos Afro-surrealistas identificados nessas obras, podem agir como um dispositivo de reimaginação radical da experiência negra, oferecendo caminhos para fabular futuros possíveis, desconstruir o real imposto e reconfigurar o passado a partir de memórias e arquivos invisibilizados. A presença de

elementos como o tempo espiralar, a fragmentação simbólica, o sagrado cotidiano e o corpo enquanto arquivo tornam essas obras experiências visuais que se alinham com o que D. Scott Miller define como afro-surreal: uma estética do real invisível, do sonho urgente e da política da imagem como ritual de libertação.

Ao trazer esse referencial teórico para o campo da arte brasileira, a pesquisa contribui para o reconhecimento do Afro-surrealismo como uma chave crítica potente para compreender as criações de artistas negros contemporâneos, propondo um alargamento do debate sobre arte, identidade, fabulação e resistência no contexto pós-colonial e diaspórico do Brasil.

CONCLUSÕES:

A partir da investigação das obras de Rosana Paulino, Eustáquio Neves e Sidney Amaral e dos resultados e discussões obtidas ao longo da pesquisa, é possível afirmar a presença de um entrelaçamento entre o Afro-surrealismo e a produção de artistas negros na arte contemporânea brasileira, que trazem em suas obras elementos de ressignificação da memória, do corpo negro e da experiência diaspórica.

É importante destacar que os artistas analisados não fazem uso direto do termo "Afro-surrealismo" ou das categorias propostas no manifesto Afro-surrealista original. Ainda assim, é possível identificar em suas produções elementos que dialogam com esse imaginário, revelando como o imaginário afro-diaspórico compartilha, em diferentes contextos, experiências de ruptura, reimaginação e resistência.

BIBLIOGRAFIA

CASTAÑEDA, Libia; DE ORANGE, Marília**. Afro-surrealismo, uma encruzilhada onírica no audiovisual.** O corpo sensório, p. 55.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

MENEZES NETO, Hélio Santos. **Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MENEZES, Hélio. **Exposições e críticos de arte afro-brasileira: um conceito em disputa.** Histórias afro-atlânticas, v. 2, p. 575-593, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 30)

QUINTELLA, Pollyana. REVISTA CONTINENTE. **Rosana Paulino - Revista Continente.** Revista Continente. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>. Acesso em: 18 jul. 2025.